

COMPORTAMENTO

Pets têm adoecido mais. Autores do best-seller 'O cão eterno' dizem que estilo de vida dos tutores pode mudar o quadro. Por **Gílson Yoshioka e Andrei Spinassé**, para o Valor, de São Paulo

Bom pra cachorro

O número de nascimentos de crianças caiu em 2021 pelo terceiro ano consecutivo no Brasil. Tal tendência contrasta com a de lares com cães, que no período entre 2013 e 2019 aumentou de 44,3% para 46,1% do total, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. É algo com que os americanos Rodney Habib, um artista digital, e Karen Shaw Becker, uma veterinária, se identificam: eles não tiveram, nas palavras deles, “filhos humanos”, apenas animais de estimação.

Becker and Habib são autores de “O cão eterno” (Sextante, 448 págs, R\$ 69,90), best-seller que escreveram por terem que a maioria das pessoas ainda não tem consciência dos cuidados adequados para que seus cães tenham uma vida longa, feliz e saudável. Eles notam que estes são tempos em que os pets adoecem mais do que nunca.

“Os cães, em todo o mundo, estão expostos a problemas, como poluição, terra com pesticidas ou herbicidas e qualidade da água”, diz Becker. “Além disso, muitos deles comem comidas altamente processadas em vez de comida fresca. Estão em uma dieta de fast-food.”

Ela nota que os pets são afetados pelos problemas que seus tutores enfrentam, e que são comuns ao redor do mundo: as pessoas precisam lidar com o aumento do estresse no tra-

balho e as consequências da falta de tempo, como a alimentação inadequada, a falta de exercícios físicos e de interação social, entre outros problemas da atualidade.

“Quando você está exausto e volta para casa após o trabalho, muitas vezes não tem vontade de levar seu cachorro para passear. Em vez disso, dá guloseimas a ele. Tendemos a substituir exercícios por comida, o que só piora o problema”, exemplifica Becker. “Quando as pessoas percebem que conduzem os cachorros à morte pela maneira como os tratam e alimentam, a maioria diz: ‘sei que sou capaz de fazer opções melhores agora’”

Becker e Habib usam as letras da palavra “Dogs” para listar pontos importantes para o bem-estar e a longevidade dos animais: Dieta, Exercícios (Optimal movement), Genética e Estresse (Stress). Habib diz que os mesmos princípios podem ser aplicados à vida dos tutores.

Na pesquisa para o livro, após entrevistarem donos de animais longevos, com mais de 25 anos de idade, os dois viajaram a Portugal a fim de conhecer o cão mais velho do mundo, de 30 anos. Segundo Habib, todos esses animais contam com práticas, ambiente e condições, além de uma genética favorável, que os ajudam a viver mais e melhor.

“Pegamos também informações dos ca-

chorros mais velhos no mundo e as levamos aos melhores cientistas especializados em longevidade humana”, afirma. A dupla entrou em contato com profissionais de Harvard, vencedores do Prêmio Nobel e microbiologistas para entender melhor como esses animais chegaram a uma idade tão avançada.

Esses cães mais longevos são uma exceção, no entanto. Habib menciona a atual expectativa de vida dos golden retrievers: nos anos 1970, um golden vivia, em média, cerca de 17 anos. Agora são 8 anos.

Antes de escrever “O cão eterno” com Becker, Habib enfrentou uma morte traumática. O primeiro capítulo, “Doente pra cachorro”, inicia-se justamente com a de Reggie, “um cão destinado a ter uma vida longa”. Aos dez anos, sem nunca ter tido um único problema de saúde, “ele se recusou a tomar café da manhã, um sinal evidente de que alguma coisa estava errada; menos de duas horas depois, passou mal: hemangiossarcoma cardíaco, um câncer que afeta os vasos sanguíneos em torno do coração”. Reggie faleceu em menos de um mês, em janeiro de 2019.

O livro explica: “O câncer que afetou Reggie é mais comum nos goldens do que em outras raças, em grande medida uma consequência da forma como eles foram cruzados. A maioria dos golden retrievers moder-

nos são carregados de genes que os predis põem a certos tipos de câncer. De modo semelhante, o labrador chocolate vive menos do que outros labradores — 10% menos — devido ao cruzamento seletivo em busca da cor da pelagem, o que, ao mesmo tempo, introduziu genes nocivos”.

Becker faz um alerta sobre o comércio desenfreado que valoriza única e exclusivamente a aparência. “Os cachorros são criados por dinheiro e lucro, e as pessoas gastam milhares de dólares em uma bagunça genética malcriada ou endogâmica [resultante de cruzamento entre parentes]”, diz. “Essas pessoas compram filhotes porque são fofos e gastam muito dinheiro os tornando adoráveis e adquirindo roupas para eles a fim de tirar fotos para Instagram e outras redes sociais. A maioria não possui o DNA para uma boa saúde, o que significa uma compra por impulso. As pessoas não estão fazendo suas pesquisas. Não fazem boas verificações de antecedentes dos criadores. Financiam esse ciclo de animais criados em condições geralmente muito ruins. Isso não é nada saudável.”

A veterinária diz que é necessário ser criterioso. “Você precisa conhecer o criador. Tem de pedir testes de DNA e fazer perguntas suficientes para se sentir confortável de que o filhote que está comprando será o mais saudável possível”, aconselha. A dupla de escritores preparou uma lista com perguntas a serem feitas aos criadores que está disponível no site foreverdog.com/resources/genetics (em inglês) e no livro (em português).

E os cães sem raça definida, os vira-latas? “A ciência mostrará a você que, quando você adota cachorros de um abrigo ou resgate, normalmente são de raças misturadas. Eles vivem mais, são mais saudáveis, certo? Porque eles não foram colocados no mundo por causa da aparência. Vieram com acasalamiento adequado”, comenta Habib.

A expectativa de vida dos cães não é a mesma em todos os países. Uma pesquisa conduzida no Reino Unido — publicada em 2022 no site da “Nature” — mostra uma discrepância. Enquanto lá um beagle e um buldogue francês, por exemplo, vivem 9,85 e 4,53 anos, no Japão esse tempo médio é consideravelmente superior: respectivamente 14,8 e 10,2 anos.

Essa diferença tem relação também com os hábitos dos tutores de cada país. A alimentação, por exemplo. “Dê aos seus animais os pedaços dos vegetais que você iria jogar no lixo. Você pode reduzir o risco de câncer de bexiga em 90% ao colocar os vegetais frescos na tigela do seu cachorro”, diz Habib.

Não levar em consideração condições climáticas, o espaço e o estilo de vida da pessoa também contribui para o adoecimento.

“As pessoas se apaixonam pela aparência de um cachorro”, constata a veterinária. “Então, no Rio de Janeiro, compram um husky, que é um cachorro de clima frio que adoraria estar no polo Norte. Elas o colocam em seu minúsculo apartamento; o cachorro mastiga a parede de gesso e elas ficam chateadas. Os huskies precisam correr 8 km por dia e de muito exercício.”

O estresse da família também é prejudicial. “Se você estiver o tempo todo aborrecido, com alto nível de cortisol, seu cachorro se espelhará em você e ficará também estressado. Você pode afetar a longevidade do cachorro, criar doenças nele e encurtar a vida dele apenas com sua personalidade”, adverte Habib. “Você pode ser uma pessoa melhor, mais relaxada, pelo seu cão, porque você pode prevenir doenças dele apenas estando calmo.”

Segundo Becker, uma alteração de hábitos a favor do animal é o primeiro passo, podendo ir muito além disso: “Mesmo que os tutores possam não querer melhorar sua dieta ou fazer exercícios, farão mudanças importantes no estilo de vida de seus cães porque os amam muito. O incrível é que são humanos doentes que começam a criar pets saudáveis. Eles se inspiram e pensam: ‘Oh, meu Deus, meu cão se sente melhor, está se movendo mais rapidamente, perdeu peso, está mais vibrante’. Isso os inspira a fazer mudanças no próprio estilo de vida”. ■



DIVULGAÇÃO



Karen Shaw Becker e Rodney Habib dizem que é preciso levar em consideração condições climáticas, o espaço e o estilo de vida da pessoa na hora de se adotar um cão